

*Texto extraído dos cursos ministrados aos domingos
no Instituto di Psicossíntese, Florença. Lição 4/1972.*

Tradução Livre: Centro de Psicossíntese de São Paulo, fevereiro/2019.

DO INCONSCIENTE COLETIVO À CONSCIÊNCIA TRANSPESSOAL

Bruno Caldironi

O tema da aula é muito absorvente e eu certamente não conseguiria, nem mesmo se tivesse à disposição um dia inteiro, relatar-vos o pensamento condutor que segui durante a realização. Hoje só posso compartilhar uma sensação, um traço, a ser desenvolvido com vocês e comigo mesmo. A minha exposição, justamente porque fragmentada, tem a tarefa de suscitar uma impressão. Num segundo momento revisando-o encontraremos algo entre as linhas que eu pensei ou talvez não. Se vocês encontrarem algo terei alcançado meu objetivo. Meu supraconsciente me enviou nestes dias somente material bruto que não tive tempo de reelaborar.

Portanto uma aula bastante sintética... e muito espaço para discussão.

Procurarei dar-lhes, em primeiro lugar, e de forma breve, algumas características do inconsciente coletivo. Freud já tinha chamado a atenção sobre a possibilidade de um '*inconsciente absoluto*', mas tal hipótese foi submetida a mais exata pesquisa pela primeira vez por C. G. Jung, o qual consegue a formulação do conceito de '*inconsciente coletivo*', isto é daquele inconsciente que nos seus planos mais profundos não seria acessível à pesquisa, levando em conta só o indivíduo.

O acesso ao inconsciente coletivo é fornecido, sobretudo, segundo Jung, pelos *grandes sonhos*. Trata-se de sonhos que têm relação com a situação do momento daquele que sonha, mas que significam muito mais da sua própria história de vida e são plenos de profunda sabedoria universal.

Estes sonhos contêm quadros sensoriais de significado, que não se consegue com a técnica da associação, mas do qual podemos entender pelo método da '*amplificação*'; para a sua compreensão, de fato devem ser adotados, comparativamente, mitos, fábulas e sagas. Aqui a interpretação deve efetuar-se no âmbito do sujeito, isto é, os elementos oníricos individuais devem ser reconhecidos como imagens (Sinnbilder) de

funções psíquicas. Estas imagens ou símbolos, segundo Jung, têm sempre uma parte irracional e um racional: a estrutura no seu aspecto energético-dinâmico origina-se do inconsciente (autofiguração dos instintos), enquanto o conteúdo do significado advém da consciência. (W.T.Winkler).

O símbolo puro, o verdadeiro é sempre só parcialmente capaz de ser explicado totalmente em termos de consciência, enquanto ao contrário ele principalmente age amplificando a consciência. Os símbolos coletivos, os quais até as origens do pensamento humano foram se sedimentando em forma de sonhos, sagas e lendas, indicam, de modo sensorialmente plástico, simbólico alegórico, problemas característicos genericamente humanos. Eles também nem sempre são alcançados pelo círculo da consciência, e, no entanto, são de uma eficácia extraordinária. É claro que o arquétipo como plano funcional *a priori* torna possível acima de tudo a experiência do mundo interno; é o modelo *originário* do modo humano de comportar-se e viver. Os arquétipos mesmos permanecem principalmente transcendentem em relação à consciência pessoal.

Os arquétipos foram e são as potências psíquicas vitais que querem ser consideradas em toda sua importância e que, de qualquer modo, também no extraordinário, se empregam para conseguir a realização do seu valor. Eles podem ser estudados de modo particularmente evidente e impressionante nas psicoses esquizofrênicas, nas quais há justamente uma inflação de conteúdos provenientes do inconsciente coletivo. (W.T. Winkler).

É preciso, porém, distinguir claramente os arquétipos formados de imagens coletivas e as ideias em sentido platônico que por vezes são chamadas também arquétipos. Eles são de outro nível e não são *coletivos* e ligados ao passado, mas universais e extratemporais.

Retornaremos mais adiante a este conceito, agora quero recordar que para Assagioli o inconsciente coletivo não é algo uniforme, mas é bem articulado. Poder-se-ia falar de um inconsciente coletivo genérico do reino animal com relativos símbolos e em estado de evolução como todos os outros que seguem, isto é, inconscientes coletivos sempre mais especializados, aos quais correspondem as espécies dos animais superiores. Chega-se assim ao inconsciente coletivo humano coexistente com outros e também neste se têm várias diferenciações, como por exemplo: o inconsciente coletivo de raça

do qual fala Rollo May, de *religião*, e etc.; do inconsciente coletivo humano tem-se a imersão da autoconsciência.

Nos vários grupos humanos a autoconsciência às vezes é muito fraca e quase se perde ofuscada e paralisada pelo inconsciente coletivo. Na criança muito pequena é absolutamente ausente até quando fala de si mesma na terceira pessoa, depois pouco a pouco assiste-se o nascer da autoconsciência; um fenômeno análogo pode ser observado nos primitivos pelo seu ainda baixo grau evolutivo. O seu inconsciente é pleno de conteúdos arcaicos que filtram continuamente do inconsciente coletivo ao individual sem por isto determinar necessariamente as psicoses, mas no máximo distúrbios de individuação, isto é, na desidentificação. (Ver identificação totêmica).

Também na esquizofrenia a consciência é dominada pela realidade interior e/ou talvez também exterior com as quais o Eu se identifica, criando um senso de incompreensibilidade.

Jung já considerava que o sintoma primário da esquizofrenia seria o de individuar-se em um abaixamento do nível da consciência, concomitante com uma fraqueza do Eu, e uma invasão destruidora de material inconsciente arcaico, arquetípico. Seria como que, um processo de osmose alterado no qual os conteúdos arcaicos são filtrados não mais de maneira integrada e controlada pelo Eu, desagregando-o. O esquizofrênico seria, como dominado por um grande sonho no estado de vigília.

Em certo ponto da evolução tem-se o despertar da autoconsciência e a sua imersão no inconsciente coletivo; como dissemos, neste nível continua a evolução até um inconsciente coletivo onde os arquétipos são principalmente transpessoais no sentido maslowiano.

Acontece muitas vezes, porém, na prática psicoterápica e também fora, de encontrar um estado anormal da personalidade autoconsciente, separativa e egocêntrica, na qual tudo está em função de uma autoafirmação e a esta tudo é sacrificado.

O desejo quase obsessivo de autoafirmação manifesta-se de vários modos: no plano sexual onde a autoafirmação é identificada com a potência, no plano político, social e também, ainda mais perigosamente, no plano familiar. Isto leva muito frequentemente a um senso de isolamento, solidão, angústia existencial, porque a procura asfixiante de auto-afirmar-se é estressante, seja por quem procura realizá-la seja pelos seus familiares. Um modo para sair disso é conseguir sim uma autoafirmação, mas sobre

nós mesmos. Tarefa muito difícil; para conseguir é indispensável aplicar com muita vontade e constância o exercício da desidentificação que vocês já conhecem.

Um outro estado anormal da personalidade autoconsciente é descrito por Cotti no seu livro 'Contra a Psiquiatria', quando trata da falsa consciência. Esta se queria instaurar, pelas condições ambientais, em senso lato, todas as vezes que se ensinam valores relativos como bens absolutos. A criança aprende primeiro emocionalmente e depois intelectualmente e se faz com extrema facilidade uma falsa consciência dos valores ensinados.

Diz Cotti: *“Naturalmente a vida da criança é condicionada por conceitos, mas visto que estes não são absolutos como ela acredita, e por outro lado não se sonhará nunca os colocar em discussão, acarretará os grandes tropeços na vida. Estes obstáculos a colocarão em crise sem que ela possa nunca imaginar que são aqueles valores relativos, por ela considerados absolutos, a causa das suas dificuldades”*. Somente quando conseguir através de uma difícil terapia, completar a consciência intelectual com uma consciência afetiva, libertar-se-á da dependência emocional dos pais.

A análise do paciente não se realizaria reportando à consciência fatos do inconsciente, que para Cotti é uma *mistificação*, mas ajudando a recordar fatos aos quais não dava o justo valor porque vividos com uma falsa consciência de si e da situação.

Poder-se-ia dizer que existe uma anômala autoconsciência em todos os casos de psiconeurose, sendo esta, como disse Maslow, uma *‘doença da carência’*.

Duas palavras para isto que considera o inconsciente individual, profundo, médio e superior, não só receptáculo dos conteúdos reprimidos, mas, aliás, como fonte inesgotável de vida, especialmente o superior. É também esta concepção do inconsciente que caracteriza a psicossíntese que contém a inconsciente fonte de criatividade, amor e vontade: é suficiente saber procurar e às vezes, quando você tem sorte, saber esperar em um *correto comportamento*.

Não se deve considerar o consciente e o inconsciente como distintos: o inconsciente é um nome coletivo, um adjetivo, indica o conjunto, a soma das atividades psíquicas que se desenvolvem em nós: existem mudanças contínuas entre elementos conscientes e inconscientes. Estas mudanças têm lugar em uma zona dita por Janet *consciência marginal* e pelos psicanalistas *pré-conscientes*.

Elementos antes conscientes podem se tornar inconscientes e vice e versa. Em nós existe uma multiplicidade de elementos e de atividades contemporâneas, mas não podemos seguir todos ao mesmo tempo; no máximo podemos prestar atenção a uma ou duas delas: quanto mais a atenção se concentra mais seu campo é restrito. Geralmente estamos voltados ao externo, para receber impressões, e para agir sobre isso, voltando de tal modo as costas ao inconsciente que está no interno, acontecendo assim uma *contratura psíquica*. É necessário alternar a concentração, necessária para a ação, com períodos de relaxamento da nossa consciência, através dos quais ela possa abraçar uma zona sempre maior, e permitir a assimilação dos elementos inconscientes. É necessário haver um diálogo contínuo entre o campo da consciência e o do inconsciente, como dizia Jung.

O que se entende por campo da consciência segundo a Psicossíntese? Entende-se a parte da nossa personalidade da qual estamos diretamente conscientes em um dado momento. Nele se desenvolve a contínua alternância dos elementos ou dos estados de ânimo de todo tipo: sensações, imagens, pensamentos, sentimentos, desejos, impulsos, que podemos observar analisar e julgar.

A consciência porem não deve ser concebida como uma soma de vários elementos, mas como evidenciam Gemelli e Zunini *'como algo em contínua transformação; a consciência continuamente muda a amplidão da própria extensão, elimina conteúdos e adquire novos, organizando-os por conta própria.'*

Consciência transpessoal

Para tornar mais claro este conceito peço-vos para recordar o diagrama de Assagioli. No ponto 4 existe um campo de consciência, bem.... imaginem que a circunferência se alargue sempre mais permanecendo parado o centro. Em determinadas e particulares circunstâncias tem-se a inclusão de elementos e atividades psíquicas próprias do inconsciente superior ou supraconsciente. Isto pode acontecer sob forma de intuições ou de inspirações.

Em outros casos, mais raros, pode-se chegar até a intuição e a experiência do EU transpessoal.

Estas tomadas de consciência superiores, por vezes acontecem espontaneamente, mas podem ser favorecidas ou produzidas com o uso de técnicas e exercícios especiais, alguns dos quais adotados entre aqueles existentes ou criados pela Psicossíntese.

Não posso alongar-me a falar, mas eles já foram descritos e praticados neste Instituto, e poderão ser examinados em outras aulas deste curso.

Limitar-me-ei a dizer, concluindo, que com a consciência do EU transpessoal tem-se a síntese de individualidade e universalidade. Alcançando o EU transpessoal o aspecto universal é percebido espontaneamente porque o EU espiritual ou transpessoal é consciente do próprio aspecto universal. Deste modo é mantido também o centro de autoconsciência, isto é, *há um centro de consciência que está no estado transpessoal*; para dizer isto, um dia Assagioli recordou-me a expressão indiana 'satchit-ananda': sat significa a Realidade última, chit é a autoconsciência, e o conhecimento do universal, da bem-aventurança, ananda.

P.1. Queria saber se, no caso de psicose depressiva, se poderia pensar a fase depressiva além da psicodinâmica individual, como atrelagem à consciência coletiva de responsabilidade de todos os males do mundo.

R.1. Isto é muito possível; de qualquer maneira por isto que se considera certa tendência que existe atualmente de imputar a sociedade como um todo, mas não gostaria que fosse entendido como uma fuga das nossas responsabilidades individuais, porque a sociedade, em última análise, somos nós. Portanto admitamos também que existem interferências externas (Assagioli disse muitas vezes falando do smog psíquico que nos circunda), mas nós podemos fazer alguma coisa, ainda que limitadamente, para contrabalançar estas interferências externas.

P.2. É muito problemático, tanto mais se deduzirmos que a origem da esquizofrenia é sem dúvida de caráter social...

R.2. Não dá pra deduzir nada, porque a atitude de deduzir algo, não é uma atitude psicossintética; eu não deduzo nada.

P. Na esquizofrenia a causa essencial para mim é a sociedade

R. Pode ser uma das causas! Mas Assagioli diz que não é o caso tanto de adequar-nos à sociedade, quanto de *ser*, apesar da sociedade. Procuramos fazer algo, entretanto a sociedade nos traumatiza, a sociedade é castradora, estressante, imobiliza. Então basta que no círculo que nos rodeia, no ambiente dos nossos pacientes, se procure fazer o possível. Se em seguida conseguimos dar também uma couraça de defesa com a qual o paciente uma vez curado, possa defender-se desta sociedade estressante, teremos cumprido nossa tarefa.

P.3. Foi dito que os arquétipos são coletivos e as ideias platônicas são universais. Agora esta diferença entre coletivo e universal não está muito clara....

R.3. Portanto: universal transcende, a universalidade transcende a coletividade; o coletivo tem as raízes que afundam em cada individualidade.

P.4. Quero saber algo sobre o EU transpessoal.

R.4. Muitas vezes falamos do EU transpessoal; para clarear um pouco e para usar um termo bastante conhecido e antigo, dever-se-ia falar de *alma* e, portanto, de consciência intuitiva. Aqui evidência científica não há, exceto que se possa falar de além da ciência, não anticientífico, mas trans-científico, não anti, mas além.

Prof. Cirinei – Desculpe doutor, quero acrescentar algo. Pode-se considerar o EU transpessoal como um conceito, mas antes que um conceito é uma experiência. É uma experiência como a corrente elétrica, o choque elétrico, no fundo não o sabemos ainda. Sabemos tantas coisas, o que faz a corrente elétrica, mas não sabemos e não podemos responder o que é. Porém a experiência da corrente elétrica é uma experiência.

R. Sim, com a eletricidade é uma experiência *perceptiva*, a consciência do Eu transpessoal é uma *consciência intuitiva*.

P. O senhor falava antes da evolução da psicologia e dizia que todas as coisas têm uma evolução. Esta evolução continuará ao infinito ou terá uma meta relativa à humanidade?

R. Eu não sei se posso responder como Teilhard de Chardin: em um ponto Omega. Seja como for eu penso em uma evolução contínua, porém penso também que um belo dia terá um fim.

P.5. Se cada um pudesse alcançar a verdade com o EU transpessoal, a humanidade poderia alcançar um EU humanitário?

R.5. Sim, porque não? Seria justamente o arquétipo do qual falei antes no sentido Maslowiano. Eu queria dizer isso mesmo. Ou seja, que os arquétipos maslowianos correspondem aos transpessoais. Estou preocupado em dizer várias vezes que o inconsciente coletivo está em evolução, tudo está em evolução, até os arquétipos mudam.

Prof. Cirinei – Eu quero também apontar isto: alcançar a consciência do EU transpessoal não pode considerar-se final, porque é alcançar o centro. Mas o homem não é só centro, é também periferia. Portanto alcançar o mais alto ponto de consciência que se pode alcançar deve corresponder a uma transformação de todo o ser pessoal também nas suas relações com os outros. Não é um fim, é em certo sentido um princípio. Em certo sentido poder-se-ia dizer quando todos os homens tivessem conseguido a consciência do EU, estaria terminada a história da humanidade, seria o ponto Omega? De um ponto de vista psicossintético não seria, porque teríamos ainda um trabalho a fazer.

P. Seria um andar da periferia ao centro e do centro à periferia, portanto o processo se resolveria em um círculo?

Prof. Cirinei – Sim de fato é o que acontece um pouco na vida psicológica de qualquer um. Existem períodos de introversão e períodos de extroversão, e também períodos de pausa entre um e outro. Portanto, não é que a introversão seja a meta final e nem mesmo a extroversão, mas a vida se desenvolve entre estes dois polos, entre estas duas atitudes opostas complementares.

P. É como um círculo.

Prof. Cirinei – Mais que um círculo direi uma espiral. Espiral neste sentido: o círculo girando retorna ao ponto de partida, a espiral girando retorna em um certo sentido ao ponto de partida, mas mais ao alto. Portanto, há um processo cíclico com um contemporâneo progresso, e é o que acontece na vida de todos.